

Os presentes foram unânimes em reconhecer como único capaz de assumir essas responsabilidades de pro-















## PAGINA LITERARIA

## Os Carrilhões de Paris

(TRADUÇÃO DE O. DE.)

Por mais admirável que seja a cidade actual, e sempre inter-



essante recordar a velha Paris do século XV, reconstituindo-a mentalmente.

Quem quizer receber da velha cidade uma impressão que a nova não pôde dar, suba, em qualquer manhã de grande festa, de Páscoa ou de Pentecostes, a algum ponto elevado de onde possa dominar a capital inteira, e procure assistir dali ao despertar dos carrilhões...

Procure vêr, a um signal partido do céu, (porque é o sol quem o dá) essas mil egrejas estremecer ao mesmo tempo. São, a principio, alguns tímidos espasmos, dirigindo-se de uma egreja para outra, como quando os músicos dão aviso para o começo de uma execução. Depois, subitamente, é preciso vêr (porque, às vezes, o ouvido parece vêr também) elevar-se, ao mesmo tempo, de cada torre, uma columna sonora, uma especie de fumarada de harmonia.

Primeiramente, a vibração de cada sino sobre direita, pura e, por assim dizer, isolada das outras, para o céu resplendente da manhã; depois, alargando-se pouco a pouco, ellas se fundem, se misturam, se desfazem umas nas outras, e acabam por se amalgamar de todo, num concerto magnifico.

Tudo se transforma, então, numa grande massa de vibrações sonoras, que se despende sem cessar dos campanários innumeráveis, e fluctua, ondula, cubri-la e turbilhona sobre a cidade, prolongando até muito além do horizonte a zona tempestuosa das suas ondulações.

Esta massa de harmonias não constitue, entretanto, um chão. Por mais ampla e mais profunda que seja, não perde a sua transparência: percebe-se distinctamente, serpeando á parte, cada cacho de notas, que se despende dos repiques; pôde-se acompanhar o dialogo, ora agudo, ora grave, da matraca e do bordão. Pulam as oitavas de um campanário para outro; saltam-se, aladas, ligeiras e esfuizantes, do sino de prata; caem, quebradas e capengas, do sino de madeira; admira-se, no meio dellas, a gamma brilhante e cheia percorrida ininterruptamente pelos setes sinos de Santo Eustachio, entrecortada de notas claras e ligeiras, que fazem tres ou quatro zig-zags luminosos e desaparecem como relampagos...

Para além, é a abbadia de Saint Martin — cantora de voz aspera e esganicada; aqui, o voozairo cavo e sornuto da Bastilha; do outro lado, a grossa torre do Louvre, com a sua garganta de barytono. O carrilhão real do palacio solta, em todas as direções e sem descontinuar, uma multidão de trillos rebulhantes, sobre os quaes vão cair, a compasso, as surdas pancadas do sino mestre da Notre Dame, fazendo-os desprender scintillas, como a bigorna batida pelo malho.

Vê-se, intermitentemente, a passagem de sons de todas as formas, que vêm da triplice revoads de Saint Germain des Prés. Depois, a espaços, essa grande massa de ruidos fende-se ainda pelo meio, para deixar passar a *siretta* da Ave Maria, que se abre toda em forma de penacho, crepitando como um tempestade de estrelas. Por baixo de tudo, no fundo sornuto do concerto, distingue-se confusamente o canto interno das egrejas, que transpira e porreja das paredes, com a vibração das abobadas.

É uma obra que vale a pena de ser ouvida.

O rumor, que habitualmente se desprende de Paris durante o dia, é a cidade que palra; de noite, é a cidade que respira; agora, é a cidade que canta.

brador que este tumulto de sinos e ressonancias; que esta formidável harmonia; que estas dez mil vozes de bronze cantando ao mesmo tempo em flautas de altura de trezentos pés; que esta cidade metamorphosada em orquestra, e esta symphonia estrepitosa, que tem, ao mesmo tempo, o fragor e os rugidos de uma tempestade.

VICTOR HUGO.

## Veneza

(IDEM)

Imagine-se uma familia, da qual façam parte cinco ou seis irmãos que se emanciparam, permanecendo escrava apenas a ultima, exactamente a mais bella, a gentil Cendrillon (1).

Libre ou escrava, porém, ella é sempre, para quem viaja, a mais graciosa e a mais poetica de todas. Quando se tem a ventura de contemplar-a, é preciso um esforço sobrehumano para pensar em assumptos graves, ou em negocios do Estado. Austriaca ou italiana, Veneza é uma fada. Seria doce habitar...



ula e sonhar um pouco no seu seio... Que deliciosa excursão pela historia e pelas artes!

Vida ditosa levaria um amante de quadros, que aqui viesse para contemplar, soular e escrever; entre duas folhas, veria no tecto da bibliotheca a "Adoração dos Magos", de Veronese; as personagens emolduradas entre duas grandes archeduras; a nobre cabeça embranquecida e o esplendido manto de raimens do primeiro rei, o seu cortejo, a pompa das figuras, o cavallo branco que se alça nas mãos de um famulo envolto em amplas roupagens; os dois anjos em cima, com a deliciosa carnção das suas penas e a surpreendente belleza das suas vestes cor de rosa, parecendo immergir em uma luz de apothose. Sentiria as idéas suggeridas por toda esta pompa, e pela força alegre, abandonada, mas sempre nobre, que vive em plena prosperidade e em completa ventura. Desceria as escadas de marmore e gozaria despreocupadamente um luxo sumptuoso, como o não possuía hoje nenhum monarca da Europa. Veria, junto de um crie, alguns dos tipos que forneceram outrora aos pintores modelos para os seus heroes: uma creança loira, de cabellos repartidos e caído dos dois lados; o tom moreno e sanguineo do rosto e do pescoço de um barqueiro, que traz a cabeça coberta por um velho chapéu de palha; o nariz grande, os olhos vivos e as longas barbas brancas de algum anciano que serviu de modelo para os patriarchas de Ticiano; o pescocinho branco e cheio, as faces rosadas, os lindos olhos sorridentes e a cabellera ondulada de uma rapariga que caminha arremagando levemente a saia do vestido. Sentiria a fecundidade e a liberdade dos genios, que destes simples motivos esparcos e incompletos souberam tirar uma tão rica e tão majestosa symphonia. Iria para o caos dos Escavados, para o canto banguilhado que eu conheço e dali, da fresta da sombra, contemplaria a maravilhosa dispersão do sol; o mar, ainda mais rebulhante que o céu; as longas vagas insensíveis, que se succedem sempre, carregando no dorso uma quantidade enorme de relampagos attentados; as pequeninas ondas e os redemoinhos que fervem sob as suas escamas douradas. Para além, são as egrejas, as casas avermelhadas que parecem emergir de um crystal polido e scintillante, e esse doce esplendor que jorra perennemente, com a apparencia de um limpidissimo sorriso. Iria depois aos jardins publicos, para vêr as illas distantes, os bancos de areia quasi imperceptíveis e, por fim, o mar que se dilata e se alarga para fóra. Tudo ali é plano até o horizonte — planície brumida e entrecortada de faiscas, de um azul meio verde de turquesa carregada.

Os olhos seriam sempre virgens para semelhanças sensações, e nunca ficariam saciados de contemplar essas feições de estacas que estendem constantemente as pontas negras para o azul, e essas illas chatas que põem uma risca tenue na linha carregada do horizonte em que o oceano se abraça e estrica com o firmamento. Os dias terminariam na praça de S. Marcos, entre um sorvete e um ramo de violetas. En levantaria os olhos, por cima da praça illuminada, para o céu, que semella uma cupula de velludo negro taxada de pregos de prata. Teria assim passado um anno todo, como um fumador de opio. E ainda bem, porque o melhor meio de supportar a vida é procurar esquecer-se...

H. TAINE.

(1) Em 1866, quando o autor escreveu o livro "Voyage en Italie", de que este trecho é um extracto, a cidade de Veneza estava ainda sob o dominio da Austria.

Na Acropole (IDEM)

As horas que eu passava na colina sagrada eram horas de recolhimento e de oração.



Revia todo o meu passado, como si fizesse uma confissão geral das minhas culpas. O mais interessante, porém, era que, confessando os meus peccados, eu acabava por amal-os; o anhelito de me tornar classico fazia com que me precipitasse, mais do que nunca, no polo opposto.

Um velho papel, encontrado entre as minhas notas de viagem, encerra esta copia de uma oração por mim proferida deante da Acropole, logo que cheguei a comprehender a sua belleza perfeita:

"O' nobreza! O' belleza simples e verdadeira! Deusa, cujo culto significa razão e sabedoria! Chego tarde demais ao solo dos teus arcanos; trago ao teu altar uma porção de remorsos, o tu, cujo templo é uma lida eterna de consciencia e de sinceridade! Para encontrar-te, foram-me necessárias infinitas pesquisas. A iniciação, que num simples sorriso concedias a todo athêniese adolescente, só a quem conquistara a força de muitas reflexões e de prolongados esforços.

Nasci — o' deusa de olhos azues — de barbaros paes, entre os Chmerios bons e virtuosos que habitam as bordas de um mar sempre sombrio lido, rodeado de rochedos e continuamente batido pelas tempestades. Ali, mal se conhece o sol, e a flora daquellas regiões é constituída só pelos musgos, as algas e as conchas coloridas que se encontram no fundo das bahias solitárias. As myvens apparecem desmaiadas, e a propria alegria tem um certo ar de tristeza; mas os mananciaes de agua fresca jorram dos rochedos, e os olhos das raparigas são como essas fontes verdes, em cujo fundo de heras onduladas o firmamento se reflecte. Mens antepassados, em éras tão remotas quanto nos é possível penetrar-as, aventuraram-sea longinquas excursões por mares que aos teus Argonautas não foi dado conhecer. Tive ordem de ouvir, na minha infancia, as canções dessas viagens polares; fui embalsado pela recordação dos golpes fluctuantes, de mares brumados e cor de leite, de illas povoadas de passaros que cantam a certas horas e desprendem o vôo, em cardumes, velando a face do céu. Padres de um culto estranho, originários dos Syrios da Palestina, encarregaram da minha educação. Esses padres eram sábios e santos. Ensinaram-me longas historias de Chinos, creador do mundo, e de seu filho que, segundo a tradição, emprehenham uma viagem pela terra. Seus templos são tres vezes mais elevados do que os teus — ó Jarythmá! — e assemelham-se, às vezes, a florestas. Falia-lhes apenas a solidão: riem ao cabo de quinhentos ou setecentos annos, e não passam de fantasias de barbaes, convencidos de que alguma coisa de providencia e de solido se pôde edificar fóra das regras que só tu soubestes traçar aos teus inspirados. ó Razão! Mas essas templos me contentavam; eu não havia estudado ainda a tua arte divina, e dentro delles entrevia Deus, ouvindo os cantos divinos de que conservo ainda algumas reminiscências: — "Salve, Estrela dos Mares; Salve Rainha, Mãe dos Peccadores". Ou então: — "Rosa Myrica, Torre de Marfim, Domus Aurea, Sicula Matulina".

Ah! — deusa! — ao recordar-me desses canções, fundi-se-me o coração, torno-me quasi um apostata. Perdida-me este ridiculo; não posso calcular o encanto e a magia que os barbaes pueram nesses versos, e quanto me custa seguir a luz fria da Razão!

Ah! Si souberes como se tornou precario entrar ao teu serviço! Toda a nobreza desapareceu da terra; os Scythas acalararam por conquistar o mundo. Não ha mais república de homens livres; ha apenas reis de sangue que um tanto carregado, e de cuja majestade haviam seguramente de sorrir.

Hyperboreos obtusos chamam frivolos aquelles que te reverem. Uma *pan-Borgia* perigosa, uma colligação de todas as necessidades estende sobre o mundo uma mortalha de chumbo, que suffoca...

Só tu és jovem, ó Cora! Só tu és pura, ó Virgem! Só tu és fonte de vida, ó Hygieia! Só tu és forte, ó Victoria! E's o nome tutelar das cidades, ó Prometheia! Tens os melhores predios de Marte, ó Arel! A paz é o teu lema, ó Pacifica! Legislações, fonte da justiça das constituições! Democracia, cujo dogma fundamental é que todo o bem reside no povo, e

que onde não ha povo para alimentar e inspirar o genio, nada existe; ensina aos teus crentes como é que se extrai o diamante do seio das multides impuras! Providencia de Jupiter, obra divina, mãe das industrias e protectora do trabalho, ó Erganeia! — tu, que fazes a nobreza do operário civilizado e o collocas ao nemno do Scythia negligente! Sabedoria, que Zeus engendrou de si mesmo, depois de haver profundamente respirado; tu, que moras em teu paço, intimamente unida á tua essencia; tu, que és sua companheira e sua propria consciencia; Energia de Zeus — rentelha que illumina e conserva o fogo sagrado na alma dos heroes e dos homens de genio; faz de nós espirituistas consummados!

No dia em que os Athênienses e os Rhodios travaram luta pelo sacrificio, tu preferiste residir entre os primeiros, porque eram mais sábios. Entretanto, teu paço mandou que Plutus descesse em uma nuvem de ouro sobre a cidade dos Rhodios, porque elles também haviam tributado honras á sua filha. Os Rhodios tornaram-se ricos, mas os Athênienses foram dotados de espirito, isto é, do verdadeiro encanto, da eterna jovialidade, que é a divina juventude do coração.

O mundo não se salvará si não voltar para ti, repudiando os seus habitos barbaros. Corramos! Affluamos em tropel! Não haverá dia mais bello do que aquelle em que todas as cidades que se apoderaram dos escombros do teu templo — Veneza, Paris, Londres, Copenhague — reparaorem as suas depredações, formando theorias sagradas para restituirem aquelles despojos, exclamando: — "Perdão-nos, ó deusa! Foi apenas para defendê-lo contra os mãos genios da noite!" — e reconstruirmos os muros ao som da flauta canora, para expiar o crime do infamissimo Lysandros; e forem, depois, a Sparta, amaldiçoar o solo em que viveu essa metropole de erros tenebrosos, e insulta-la, porque ella já não existe...

Firmado em ti, resistirei ás minhas fútes conselheiras: ao meu scepticismo, que me obriga a duvidar do povo; á minha intranquillidade de espirito, que, mesmo depois de encontrada a verdade, impelle-me a procura-la ainda; á minha fantasia, que, mesmo depois de se pronunciar a razão, não se decide a me deixar tranquillo.

O' Archegeia — ideal que o homem de genio encarna em suas obras primas — prefiro ser o ultimo dos teus a ser o primeiro em outro qualquer dominio. Sim, eu me aprego ao stylobate de teu templo: far-me-ei stylobate sobre as tuas columnas; armarei a minha cellula por cima da tua architrave. Ainda mais: por ti, eu me farei intolerante e parcial. Só a ti consagerei o meu amor. Vou aprender a tua lingua e tratar de esquecer o mais. Serei injusto com todo o que te não diiser respeito; far-me-ei servil do ultimo de teus filhos. Os actuaes habitantes da terra que encolheste a Erechthida, serão por mim exaltados e adulados; convencer-me-ei, ó Hippiá, de que elles descendem dos elictos que celebram, tu em cima, sobre o marmore da tua frisa, as suas festas rituaes. Arrancarei do coração todas as fibras que não pertencem á razão e á arte pura. Cessarei de amar as minhas enfermidades e de me comprazer com a minha febre. Mantenha o meu firme proposito, ó Salutaria! Auxilia-me tu, ó potestade salvadora.

Quantas difficuldades prevejo! a quantos fatios de espirito terei de renunciar! quantas recordações enteadoras terei de arrancar do coração!

Tudo tentarei, posto que sem grande confiança. Só muito tarde cheguei a conhecer-te, ó belleza perfeita! A salutar-me, com a tua luz, com a tua claridade e hesitações. Uma philosophia verdadeiramente perversa levou-me a acreditar que o bem e o mal, o prazer e o soffrimento, a belleza e a fealdade, a razão e a loucura, se transformam em si mesmas, e que os queros, por gradações e nuances tão imperceptíveis como a do collo das pombas, não odiam nem amar, absolutamente, torna-se, assim, o lastro da sabedoria, uma religião, uma philosophia, uma verdade absoluta, tal qual a philosophia, tal qual a religião, teria vencido as outras e seria, a esta hora, a unica subjugante. Iludiram-se todos os que julgaram estar com a razão. Quem, porém, por acaso, sem pretensão, se afastou da verdade, tal qual a philosophia, tal qual a religião, teria vencido as outras e seria, a esta hora, a unica subjugante. Iludiram-se todos os que julgaram estar com a razão.

Eu poderia, talvez, (falo por mim), ter-me conformado com esse genero de vida, si um tal poder houvesse produzido um compressão egual; mas, caprichoso e vacillante, elle offerecia alternativas intoleraveis. Ignoravamos sempre si havíamos procedido bem, ou mal, e a horrivel expectativa, que disso resulta, é sempre insupportavel para a vida de familia. Prefere-se, em casos taes, sair para a rua a ficar em casa. Si eu fosse só, é bem possivel que supportasse tudo de meu paço, sem me queixar; mas o coração me sangrava deante das dores soffridas constantemente por minha mãe, a quem eu amava com ardor, e cujas lagrimas, surprehendidas muitas vezes por mim, enchiam-me de raiva, fazendo-me quasi perder a razão. Minha passagem pelo collegio, onde as creanças estão sujeitas a tantas torturas e tantos trabalhos, foi para mim um verdadeiro periodo de cura.

E. RENAN.

## BELLEZA MODERNA

(IDEM)

Certo, me apraz te vêr não completamente. Como, em dezembro, o sol que funde a neve, e aidente. E duro, fere o olhar com a dura claridade... Lembra-te, então, não sei que estranha divindade! Espandida, tornando-se a lúbia da figura. Num murmure de eterna e deslumbrante alvorça; Mas nunca mais te admira, ao vêr, sobre os teus braços, E o teu braço, que não dá a manga aberta e franca, E o teu busto solenne entre actus fechados; E o teu pé, que se arqueia, e que brinca, enlaidado, Por baixo dos botões da bata refulgente... E a saia, em longo cinto arrastado e fremente, Como uma onda ideal de esplendido cabelo. Que desce da anca larga ao fino tornozello; E, dobrada, a sumir-se, a cinta aiosa e lida. Nesse frêni mudo e sem o teu leve agitando, E as joias, os anéis, os broches, o velludo... Tudo, em summa, o que inventa o teu capricho, tudo! Stali, porém, me embriaga e me extasia mais. Da que verte no theatro, em toiettes ricas, Quando, á ponta da lura o teu leve agitando, Como uma lúbia oitola o deixas farfalhando; Ou, com uns ares do deusa e um sorriso de fada, O peito arredado, a coma em ondas derramada, Mostra, fazendo mover a tua lúbia da ampla sala, Diamantes cujo brilho os olhos apunhalam.

J. RICHIPIAN.

## Vocação

(IDEM)

— "Que motivos o levaram a abraçar a profissão ecclesiastica? — perguntou subitamente o abade Gabriel ao cura Bonnet, levado por uma indiscrida curiosidade. No momento em que a



carruagem desembocava na estrada larga.

— "Não procurei uma profissão no sacerdocio, respondeu naturalmente o cura. Não comprehendo que alguém se faça padre por outro motivo que não seja o invencivel poder da vocação."

Não acredito que alguém se possa dedicar a Deus, ligado por uma idéa de ambição. Podem alguns ver no padroado um meio de regeneração á nossa patria; mas tenho para mim que o sacerdote patriota é um verdadeiro contra-senso.

O padre deve pertencer só a Deus. Eu não quiz offerecer ao nosso Paço celeste, que, no entanto, aceita tudo, os restos do meu coração e da minha vontade; entreguei-me a elle, todo inteiro.

Em uma das mais locuentes theorias das religiões pagãs, a victima destinada aos falsos deuses era conduzida ao templo, coroada de flores. Esse habito entrecruce-me sempre. Um sacrificio nado vale sem a graça. Minha vida é, pois, muito simples e sem a menor parcella de romance. Entretanto, si v. r. vma, quer uma confissão completa, eu tudo lhe contarei.

Minha familia é mais que relembrada; é quasi rica. Meu paço, autor da sua fortuna, é um homem ríspido e inflexivel; emprega, aliado, com a mulher e os filhos, o mesmo rigor de que usa para consigo proprio. Nunca lhe divisei nos labios a mais pequena sombra de um sorriso. Seu pulso de ferro, sua physionomia de bronze, sua actividade brusca e sombria ao mesmo tempo, comprimiam-nos a todos nós — mulher, filhos, empregados e famulos — sob o jugo de um despotismo selvagem.

Eu poderia, talvez, (falo por mim), ter-me conformado com esse genero de vida, si um tal poder houvesse produzido um compressão egual; mas, caprichoso e vacillante, elle offerecia alternativas intoleraveis. Ignoravamos sempre si havíamos procedido bem, ou mal, e a horrivel expectativa, que disso resulta, é sempre insupportavel para a vida de familia. Prefere-se, em casos taes, sair para a rua a ficar em casa. Si eu fosse só, é bem possivel que supportasse tudo de meu paço, sem me queixar; mas o coração me sangrava deante das dores soffridas constantemente por minha mãe, a quem eu amava com ardor, e cujas lagrimas, surprehendidas muitas vezes por mim, enchiam-me de raiva, fazendo-me quasi perder a razão. Minha passagem pelo collegio, onde as creanças estão sujeitas a tantas torturas e tantos trabalhos, foi para mim um verdadeiro periodo de cura.

Eu entrava em um mundo novo, em que não ha temores, cujo futuro é certo, e onde tudo, tudo, até mesmo o silencio, é obra exclusiva da divindade.

Essa tranquillidade é um dos beneficios da graça. Minha mãe não podia comprehendêr que se esposasse uma egreja; entre-

tanto, vindo-me calmo e feliz. ella julgou-se também feliz.

Depois de receber as ordens, vim a Lianoussin, em visita a um dos meus parentes da linha paterna, que, casualmente, chamou a minha attenção para o estado em que se achava o canteiro de Montegnac. Uma idéa, brotada subitamente, como uma luz interior, segredou-me: — "E' esta a tua vinha!" E eu para aqui vim...

Como vê, Senhor, a minha historia é muito simples e completamente destituida de interesse...

H. DE BALZAC.

## Madame Thèophile

Madame Thèophile era uma gata arruivada, de pelo branco, nariz cor de rosa e olhos azues, assim chamada porque vivia commigo numa perfeita intimidade, dormindo ao pé da minha cama, fazendo a sesta no encosto da minha poltrona, enquanto eu escrevia, acompanhando-me ao jardim nos meus passeios, assistindo ás minhas refeições e interceptando, muitas vezes, o bocado que eu ia levar á bocca.

Uma vez, um dos meus amigos,



afastando-se por alguns dias, confiou-me um papagaio, para que eu o guardasse enquanto durasse a sua ausencia. O papagaio, sentindo-se desolado, subia até o alto do poleiro, e circumvagava em torno, com ar desconfiado, aquelles olhos semelhanças a fachas de latão, encanquillando as membranas brancas que lhe servem de palpebras. Madame Thèophile nunca vira em toda a vida um papagaio; e esse animal, novo para ella, causava-lhe evidente surpresa. Immoval, tão immovel como um gato embalsamado do Egypto nas suas faixas, mirava o papagaio, reunido com um ar de meditação profunda todos os conhecimentos de historia natural que pudera colher nos seus passeios sobre o telhado, no quintal e no jardim.

A sombra de seus pensamentos passava-lhe pelas pupilas moveis, e nellas pude ler este resumo do seu exame: "Decididamente é um pinto verde!"

Firme nesta conclusão, a gata saltou da mesa onde estabelecera o seu observatorio e foi agachar-se a um canto da sala, com o ventre por terra, os cotovelos para a frente, a cabeça baixa, o dorso esticado, como a panthera negra do quadro de *Gréme*, espiando as gacellas que vão beber no lago.

O papagaio seguia os movimentos da gata com uma inquietude febril; erguia as penas, mexia com a corrente, passava o bico pelo bordo do vaso da comida.

Instintivamente, via ella na gata um inimigo, meditando e planejando alguma peça.

Quanto aos olhos da gata, fixos sobre o papagaio com uma intensidade fascinadora, diziam, numa linguagem que o papagaio muito bem comprehendia: — "Não obstante ser verde, este pinto deve ser bom para comer!"

E eu seguia, com interesse, esta scena, prompto a intervir quando fosse preciso. Madame Thèophile aproximou-se insensivelmente; as narinas roseas tremiam-lhe, e semi-cerrava os olhos, estendia e contraía as garras.

Celebros corria-lhe o dorso, como a um gastrônomo que caminha para uma mesa bem servida; deliciava-se com a idea do repasto succulento e raro, que ia fazer. Aquelle mangar exótico aguçava-lhe o appetite.

De repente, o seu dorso se encurvou como um arco retesado, e de um salto, ella foi cair prestemente sobre a gaiola. O papagaio, vendo o perigo, com uma voz baixa, grave e profunda como a de um philosopho, gritou: — "Já almocei, Jacquot!"

Esta phrase causou um indizivel terror á gata, que immediatamente saltou para trás. Uma fanfarra de clarins, um monte de pratos despeçados, o estampido de uma espingarda nos oitavados, não lhe teriam causado mais vertiginoso medo. Todas as suas idéas ornithologicas esborraoavam-se.

— Que? manjar do rei? — Confundeu o papagaio.

A physionomia da gata exprimia claramente: "Não é um pinto, é um homem; elle fala!"

"Quando eu bebo um pouco mais não botoquim tudo dansa."

Cantou o papagaio com estrondos de voz enardecidos, como si houvesse comprehendido que a sua palmaria era o seu melhor meio de defesa. A gata lançou-me um olhar cheio de interrogações, e não recebendo resposta satisfactoria, foi estender-se na cama, de onde não saiu todo o resto do dia.

As pessoas que não têm o habito de tratar com os animaes pensariam talvez que estou emprestando intenções ao volátil e ao quadrupede. Não fiz mais do que traduzir fielmente as suas idéas em linguagem humana.

No dia seguinte, Madame Thèophile, um pouco arredada, enziou um novo ataque e foi repellido pelo mesmo processo. Deu-se por satisfeita e accetou o papagaio como homem.

TH. GAUTHIER.

## Fragmenta

P. Virgilio Maronis, fragmenta ex epistola, quam ad Augustum Cosmum super Alcibiade scripta:

"Ego vero frequenter a te accipio... De Alcibiade meo..."



me Hercules, iam dignum auctoritatem habere vult, ab inter multos, quos tantum inclinat, res est: ut non videretur tantum opus, in quo mihi videretur, cum presentibus, in alia quoque studia ad id opus, multo que potius, impertire."

Tradução: fragmentos de uma carta escripta a Cesar Augusto, por P. Virgilio Maro, referendo-se ao Alcibiades.

"Tendo recebido sempre com tua... Juro por Hercules, que se alguma coisa tivesse do meu lado, digra de teus orculos, certo te teria dada. A obra está apenas começada. Tentei, ao que parece, uma commoção de tanta magnitude, que chego a pensar, que quasi uma luctura — tanto que, como sabes, preciso também de outros estudos, imprescindiveis, para levar a cabo esse trabalho."

VIRGILIO.

## Salão de festa

Os convidados chegavam á guisa de cumprimento, leva-



o tronco para o lado, ou curvavam-se em dois, ou baixavam a cabeça sómente; depois, um casal, uma familia passava, e todos se dispersavam no salão já cheio.

Sob o lustre, no meio, um *buffet* enorme supportava uma *table d'hôte*, cujas flores, inclinadas como pannochas, pendiam sobre as cabeças das damas assentadas em torno, enquanto que outras occupavam as poltronas, formando duas linhas rectas, interrompidas symmetricamente pelos grandes repositores das janellas, de velludo nacarado, e os altos caixilhos das portas de madeira dourada.

A multidão dos homens que se conservavam em pé, á entrada, com o chapéu na mão, fazia de longe uma só massa negra, pontuada, aqui e ali, de pontos vermelhos pelas fitas das lapelas, que tornava mais sombria a monotona brançura das gravatas. Salvo os adolescentes de barba nascente, todos elles pareciam enfiados: alguns dandys, de enjooado, balançavam-se sobre os calcanhares. As cabeças cinzentas, as perucas, eram nunnosadas de espaço em espaço, lúzia um cráneo calvo; e as physionomias, purpurizadas ou lividas, descaavam ver no seu amortecimento o traço de immensas fadigas, pertencendo toda aquella gente que ali estava ao commercio da política. O sr. Dambreuse convidava também muitos sábios, magistrados, dois ou tres medicos illustres, e correspondia com altitudes humidas aos logios que lhe faziam do seu *sarab* e ás allusões á sua riqueza.

Por toda a parte circulavam creados agalados de ouro. Os candelabros, grandes, como ramilhetes de fogo, abriam-se sobre os tapetes, repetindo-se, multiplicando-se nos espelhos, e no fundo da sala de jantar, o *buffet* parecia um altar-mór de candelabros, ou uma exposição de varresaria, — tantas eram as milhares de prata e de prata dourada, no meio de cristas e pedradas entrecruzando-se por sobre as carnes, em clarões dourados.

G. FLAUBERT.

(1) Estes dois pequenos fragmentos de uma carta dirigida á Augustina, filha de Virgilio, de data incerta, particular interesse e merecem, além disso, especialmênte destaque, por constituirem os dois únicos trechos de uma virgílica de que ha noticia, e que, mesmo se não negada, na edição de Weiss, impressa em Leipzig.

(N. do L.)











**DESCOBERTA UTIL**  
A Pasta Anti-Venerea cura o cancro  
syphilitico em 3 dias — sem dor — De-  
pistadores: Grunado & C. — 1º de Mar-  
ço. Grunado & C. — Rua Visconde do  
Rio. Grunado, Laboratorio — Rua Ri-  
chuelo 197 — Pharmacia Villas Boas.

FOLHETO DO «CORREIO DA MANHÃ»

6

PAUL D'AIGREMONT

# Entre dois amores

res saber onde vamos. Mas, nem tu, nem ninguém o saberá, antes que voltemos. Vamos!... Ouço os passos da marquezia que desce do quarto.

Depressa, Arlette, corre ao seu encontro, e o beijo que enche de dar-te, leva-l'ho da minha parte.

Arlette não teve que andar muito para dar cumprimento à ordem do seu protector.

A porta abriu-se, e entre o restoeiro de fina tapeçaria, appareceu o rosto sempre bello e sempre delicado de madame de Juversac.

— Senhora marquezia, disse Arlette com a dignidade simples e um tanto altiva que a distinguia, o senhor de Juversac confiou-me uma missão...

A mãe de Magdalena sorriu:

— Bem? sei, minha querida, eu ouvi.

— E consente? perguntou.

— Sim, minha flor... Não é tão natural, de resto, visto que és minha filha?

E abraçou-a, assim como a Magdalena também.

— Maria, murmurou Geraldo, feliz e entrecruado, como es boa e encantadora.

Nessa occasião, Antonio chegou, annunciando:

— O carro do senhor marquez está pronto.

O senhor de Juversac levantou-se:

— Minha mala está no landau?

— Está, sim, senhor marquez.

— Com as roupas que eu indiquei?

— Foi eu mesmo quem as botou.

— E a malta de mademoiselle Arlette?

— Não falta nada, affirmou a marquezia, cuidei eu em pessoa de tudo. E como Magdalena e

ella são do mesmo tamanho, acrescentei ás roupas da querida viajante alguns vestidos de nossa filha, que a tornarão ainda mais linda.

— Obrigado... murmurou Geraldo; e acrescentou baixinho:

— E' muito preciso; vac tentará uma conquista que, na verdade, é bem difficil.

Depois, voltando-se para o Antonio:

— E's tu que me conduzes. não é assim, meu velho?

— Sim, senhor marquez.

— Porque, o Antonio? perguntou a marquezia.

— Porque não desejo a menor indiscreção.

Madame de Juversac não respondeu.

Achava-se preocupada com um espectáculo que lhe absorvia toda a attenção.

— Que estás a olhar com tan-

ta fixidez, Maria? perguntou a respondente:

— Ella respondeu, um tanto perturbada:

— E' o carteiro que acaba de atravessar o pateo. Não sei por que, mas senti-lhe, á sua vista, estranhamente abalada.

Tenho certeza de que são novas de Mauricio que nos chegam.

— Não é possível, observou o senhor de Juversac; que dia é hoje?

— Dia quatorze.

— Mas, de resto, já o sabemos... Levas-me até o carro, Maria?

Levantaram-se todos. Já estavam quasi na porta quando appareceu um laçao, trazendo nella salva de prata um largo envelope.

No alto, e muito apparentes, lia-se estas palavras: — "Ministerio da Marinha".

A marquezia tornou-se livida como uma morta.

O senhor de Juversac, que a não perdia de vista, percebeu-lhe a emoção:

— Meu Deus! Maria, murmurou, que tens tu?

A marquezia apoderára-se do officio ministerial.

Febreilmente, rompeu os sinetes de lacre vermelho, len algumas linhas, e soltou um grito, grito agudo, terçivel, de animal ferido...

— Geraldo!... Geraldo!... bradou por duas vezes.

— Que é? perguntou o marquez. Que tens?

Desvairado, louca, sem saber

que dizia, madame de Juversac respondeu:

— Mauricio!... E' Mauricio!...

— Então? perguntou o marquez, que é?

Por sua vez, tornou-se também livido, com o rosto desfigurado, a intumescencia dos olhos augmentou, a respiração fez-se curta e arquejante. Levou a mão ao coração, e repetiu:

— Que aconteceu a Mauricio? E madame de Juversac, branca como um cadaver, tendo apenas vivo no rosto o olhar transformado, levantou as mãos ao céu, brando:

— Deus me castiga!... Amava demasiadamente esse filho... Deus m'o roubou... Mauricio morreu!...

A soluçar, desesperadamente, repetia:

— Mauricio morreu!... Mauricio morreu!...

Geraldo, ferido em cheio no coração, repetiu:

— Mauricio morreu!... Ah! meu filho!...

Uma sufocação tornou-lhe os labios subitamente violaceos; tombou.

Esse rosto livido, que a aza da morte já roçava, fez voltar a si madame de Juversac... Geraldo e Mauricio eram os unicos affectos que tinha no mundo...

— Geraldo, bradou ella, meu Geraldo!...

Mas o olhar do marquez tornava-se embacado.

Arlette e Magdalena precipitaram-se, recebendo-o nos braços, e

levantaram-no para uma poltrona proxima.

— Mauricio!... E' Mauricio!...

— Então? perguntou o marquez, que é?

— Meu Geraldo, repetia, oh! fala-me... amo-te tanto... tanto... tanto!...

O marquez ainda teve forças para passar as mãos já frias sobre os bellos cabellos de ouro que tanto amara, e murmurou:

— Eu também te amo... exclusivamente... sempre... Magdalena, e Philippe... ama-os... Arlette também.

A voz tornava-se-lhe indistincta.

Pruncionou algumas palavras confusas.

Entretanto, a marquezia ainda percebeu:

— Arlette...

Algunas syllabas perderam-se. Depois:

— Tão grande, tão nobre... Amei-a sempre muito... Pobre, pobre mãe!



de ALUGA-SE, VENDE-SE e PRECISA-SE não excedendo de tres linhas, custam no "Correio da Manhã" 200 réis, por tres vezes.

[illegible]

Continúa a **GRANDE VENDA** de artigos proprios para a  
**ACTUAL ESTAÇÃO**  
**Grande variedade de artigos, em tudo que concerne**  
**toilette fem.nina, seja :**  
vestidos para passeio, theatro e baile, manteaux, Paletots, boás e m  
generos para agasalho  
Tecidos modernos, em lã, algodão ou seda, e magnifico sortimento  
dos mais lindos enfeites  
**Tudo aos nossos baratissimos preços**  
**BEM MONTADO ATELIER DE COSTURAS**

[illegible][illegible]







os melhores pneumáticos: MICHELIN  
as melhores bicycletas: HUMBER  
**Antunes dos Santos & C**  
Rua Rodrigo Silva (antiga dos Arquivos) n. 12

[illegible]

**Bilz**

Deliciosa refeição garantida.  
Espumante sem álcool.  
Cust. Ref. 1112 - Gal. N.º Postal N.º 216.

---

**S. E. LUZ E CIENCIA**

As pessoas adquirem e não querem aliar-se aos solitários. Não se dá conta com seriedade e como um ponto de partida, "Diplomacia à Luz do Carmo Neto" n.º 212. No te aceita, trouxa o teu do objeto ou que se desloque para cá, para cá, para cá. Não existe quem que, não se dá a conta.

---

**DINHEIRO** Tenho, de diversos capitalistas, avaliadas quantias para

**Imprestar, sob hy potheca de predios-bem localizados a juros e condições muito favoraveis, e bem assim para comprar predios e terrenos de qualquer valor, situados em bom local: Luiz Cordeiro, rua da Quitanda 149, sobrado.**

testes de crianças, adultos e senhores, "tratamento especial das moléstias venéreas, as urinárias, estomago, intestino, heranças, etc. e de outras doenças em geral". Aplicação de óleos e diluição em juncos hypodermicos por preços módicos. Rua dos Invalidos 130, farmácia.

**Dr. Álvaro Ferreira—**  
cirurgião-dentista, cap., em dentaduras sem chumbo, protese, corações, etc.; consultas e op., nas doenças da boca e maxila. Rua Gonçalves Dias n. 28. Atendimento a chamados a domicilio, preços módicos.

**FERIDAS** cujasas em pouco tempo curadas, e rapidamente, com o uso do SARU. Depoimento Barreto Loureiro, 18. Lata 25000.

**25\$000** Um aparelho para chá e café, 3 peças, com dourado e fina pintura. Vilaça, a rua 170.

Nos armazéns  
Caneva n. 126.

**27\$000** um aparelho para jantar com 3 peças, com dourado e pintura, no grande laratório da rua Frei Caneca n. 126.

**9\$500** dozia de talheres americanos, legítimos, na rua Frei Caneca n. 126. Armazéns Vilaça.

**40\$000** um fino e superior

**48\$000** Um fino aparelho para lavar com 62 peças com dourado e finalização, no grande bazar da Rua Fátima n. 126.

**23\$000** Um lindo aparelho para "toilette" com 7 peças, 23 peças para legítima panelas, feitor CLARK, hilo 18000, no grande bazar da Rua Fátima n. 126, Aruaens, Vilaçoa.

**55\$000** Um fino aparelho para lavar com 71 peças e rica finalização com dourado, colheiras de alumínio para sopa, dacia 48000, no grande bazar da Rua Fátima n. 126, em frente a avenida Mém de Sá.

**11\$000** Um fino aparelho

**22\$000** Um lindo serviço com 33 peças para almoço. Armazém Vila Rica. Barateiro da rua Frei Caneca n. 126.

**22\$000** Flores metidas para chapéus, piquete e metros de rosinhas desde mil réis, palmos e capelas para primeira, com

**DEPURATIVO LYRA** **CURA**  
HEMOSANO **SYPHILIS**  
SABOR AGRADAVEL  
"Não ataca o estomago"

**O ANEMIL E ANEMIOL**  
 Tostes curam: -- Anemias, Epilêpsia,  
 Palidez, Azedumes, Desanimo, Choro,  
 Anemia e Leucorrhœa.











